

Resenha:

WULF, Christoph. *Antropologia da educação*. (Coleção Educação em debate). Trad.: Sidney Reinaldo da Silva. Campinas, São Paulo : Editora Alínea, 2005

Maria de Nazareth Agra Hassen

Publicado na Revista Educação e Cidadania n. 7. Editora Uniritter, 2005

Já não era sem tempo para surgir um livro chamado *Antropologia da Educação*. E ele veio por meio de uma tradução da obra de Christoph Wulf, doutor em filosofia e com extensa carreira acadêmica que inclui passagens pela Standford University, University of Maryland, University of Amsterdam, Institute of Education London University, Stockholm University, Université Paris-Nanterre, Université Paris-Saint-Denis, Université Paris-Joussieu, Université de Lille, European Peace University Stadtschlainingen, Fondazione San Carlo, University of Innsbruck University, The Kyoto University. Ainda em Marburgo, Wulf lecionou pedagogia geral e educação comparada. Desde 1980, na Universidade de Berlim, leciona antropologia e educação. Suas jornadas em países como Inglaterra, França, Alemanha, Suécia, Áustria, Itália, Japão e também em países da América Latina dão idéia do seu reconhecimento, assim como a pluralidade de seus livros é reveladora do pensador prolífico, que inova sem perder o lastro dos estudos clássicos.

O registro deve ser feito, porque a filiação do autor já dá uma primeira idéia do conteúdo da obra. O leitor não espere - e aí residiu um desapontamento passageiro - a marca da antropologia no que se refere ao seu método, a pesquisa de campo. A antropologia do professor Wulf namora uma *antropologia filosófica* da educação ou uma *história da antropologia* da educação.

Não se espere, pois, uma abordagem mais típica da antropologia social ou cultural muito em voga nos interesses de pesquisa no Brasil. De etnografias, nem sentimos cheiro. Encontramos aí farto material filosófico, o que não tira os méritos do livro. Pelo contrário. A antropologia filosófica é um dos saberes constitutivos do campo da

educação, pois, acompanhando o argumento do próprio Wulf, devemos reconhecer que todo ator social da educação tem suas ações em alguma medida condicionadas por saberes antropológicos, reconheça-os ou não.

Já na introdução Wulf anuncia seu conceito de *antropologia da educação* ao sustentar que a tarefa de uma tal antropologia consiste em analisar, organizar, reavaliar e produzir saber através das ciências da educação e também deve garantir a desconstrução dos conceitos da educação, tudo garantido pela perspectiva antropológica. Com isso, justifica a presença e o tratamento dado a Rousseau e sua educação negativa, a Pestalozzi e a educação elementar e, por fim, o último ensaio denso do livro, à idéia de formação universal em Von Humboldt. E é nesta problematização de noções geralmente aceitas que surge o novo que representa o livro de Wulf, numa aproximação de filosofia (a geração da dúvida e do novo olhar) com o aporte antropológico (viés desse novo olhar).

Analisemos o livro da edição brasileira nos seus aspectos exteriores. A capa do livro traz uma foto de crianças, dispostas em duplas, trios, algumas sozinhas em mesas sobre as quais desenvolvem alguma atividade em atitude de grande concentração. Cuidado, o livro não falará em escola. A capa é obra de capista que só recebeu, para produzir a arte, a informação do título do livro, e fica restrito à idéia de que educação é sinônimo de escola. A editora brasileira, porém, acerta quando escolhe papel pólen, menos agressor da natureza.

O livro se divide em três grandes partes, domínios que dão conta do interesse maior do autor pela historicidade e pluralidade: 1. A perfectibilidade e a não perfectibilidade na Educação; 2. A Mímis Social; 3. Educação Intercultural. A primeira parte discute exaustivamente um tema central para o campo educativo, relacionado ao caráter teleológico da educação: pode-se por meio da educação tornar o homem perfeito ou o ideal da perfeição é inatingível, uma vez que não se muda o homem? O caminho natural para a discussão parte do sonho moderno de educação, que se inicia com Comênius e cruza por outros utopistas, como Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Schleiermacher, sem desconhecer as diferenças entre eles. Von Humboldt, pensador do fim do século XVIII, receberá um capítulo próprio intitulado *A perfectibilidade individual*. Vale destacar que entre os princípios abraçados por Von Humboldt está o de que é impossível educar o ser humano sem conhecê-lo e daí a justificativa de uma antropologia *para a* educação. Segue-se um item sobre linguagem, uma vez que, em Humboldt, linguagem, educação e

antropologia estão intimamente ligados. Conceito central humboldtiano e também em Wulf (presente em vários de seus textos) é o de mímese (imitação, mas também representação, expressão) que é aqui densamente explorado.

Tanto assim é que a segunda parte do livro será toda dedicada a ela: a mímese em Platão, Aristóteles - ainda no plano estético; depois a estetização do plano social que levou o conceito a outra dimensão. Central no capítulo é uma certa retomada da noção de alteridade. Aqui o autor a discute, situando a mímese na infância para afirmar a diferença que há entre familiarizar o indivíduo com *o outro* (a fim de o cercar e o compreender) e entender *o outro* a partir da sua inacessibilidade e com isso garantir o respeito à diferença, tão essencial na educação das crianças.

Estabelecidas suas bases epistemológicas, o tema da alteridade volta na última parte do livro, intitulada *Educação Intercultural*, subdividida em quatro capítulos (A violência inevitável, O outro, A mundialização da Educação, a Interculturalidade: novos desafios para a formação universitária). O objetivo de Wulf é claro: defender o princípio de que, na Europa, a educação não é uma questão nacional, mas precisa ser uma tarefa intercultural. A parte relativa à violência servirá para discutir e perscrutar o sentimento xenofóbico, destacando o arbitrário que torna incompreensíveis atos de violência racial. Esse ponto mereceria uma discussão mais aprofundada, e um questionamento sobre se esse arbitrário é considerado pelo autor com sendo mais próprio da adolescência (tal como ele a discute) ou da xenofobia mesmo. Um estudo sobre violência juvenil nos Estados Unidos ou no Brasil traria seguramente mais duas diferentes interpretações.

Instigante é mesmo a pergunta com que Wulf fecha a introdução, referindo-se a uma concepção de educação tomada a partir de uma perspectiva global: “Não seria uma outra forma de generalizar perspectivas eurocêtricas que acarretariam uma diminuição da diversidade cultural sem contudo melhorar a qualidade de vida sobre a terra?” A parte final do livro é dedicada a problematizar qualquer tentativa de resposta simplista à questão.

Por qualquer viés que seja tomado, o livro *Antropologia da Educação* é leitura recomendável: todos os temas são tratados com profundidade (senti falta de uma abordagem das relações humanas com a natureza na contemporaneidade), e sempre avançando em relação a discussões já havidas.